

S A N D I L Y N N

Best-seller do New York Times

Black para sempre

∞ Trilogia Forever livro 1 ∞

*O amor salvou suas vidas.
Agora, só um milagre
pode salvar seu amor.*

valentina 

TRILOGIA FOREVER

Black
para
sempre

LIVRO 1

Você
para
sempre

LIVRO 2

Nós
para
sempre

LIVRO 3

S A N D I L Y N N

Black para sempre

Tradução
Kenya Costa


valentina

Rio de Janeiro, 2015

1ª Edição

Black para sempre

LIVRO 1

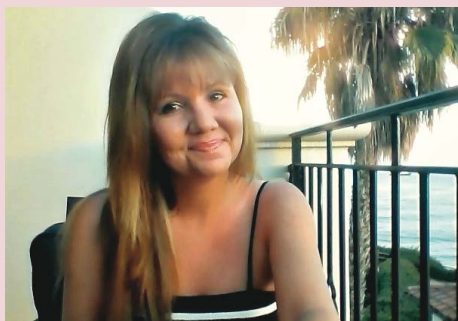
Um homem marcado por uma tragédia e decidido a nunca se apaixonar.

Uma mulher que vive cada dia como se não houvesse amanhã.

*Apesar da fama de devasso insensível de Connor Black,
Ellery não consegue resistir à atração daquele mulherengo irritante
que parece ser a sua alma gêmea.*

Quando Ellery se mudou com o namorado, Kyle, para Nova York, achou que pela primeira vez seria feliz, enterrando para sempre os dramas do passado. Ledo engano: um belo dia, o sujeito arruma as coisas e vai embora, alegando “precisar de espaço”. Sozinha e deprimida, ela mergulha de cabeça na pintura, sua grande vocação, até que uma noite ajuda um belo e misterioso bêbado a voltar para casa de uma boate. Mal sabe ela que o homem é ninguém menos do que o cobiçado milionário Connor Black. Ao encontrar Ellery em sua cozinha na manhã seguinte, presumindo que ela infringiu sua regra número um e passou a noite lá, ele fica furioso, mas ela o enfrenta como nenhuma mulher jamais enfrentou, deixando-o intrigado não apenas com sua coragem e independência, mas também com sua bondade. Entretanto, há uma tempestade a caminho. Ambos guardam segredos terríveis que podem destruir a relação tão rara e preciosa que construíram. Qual dos dois terá coragem de abrir o jogo primeiro – ou será que a própria vida fará isso de forma totalmente inesperada?






N*ascida e criada* nos Estados Unidos, Sandi Lynn sempre sonhou em ser escritora em tempo integral. Ganhou seu primeiro prêmio como jovem autora na escola primária, e em 2006 escreveu e autopublicou a trilogia FOREVER, best-seller do *New York Times*, *USA Today* e *Wall Street Journal*. Ela passa os dias curtindo a companhia das três filhas adolescentes e escrevendo histórias românticas. Nas horas vagas, gosta de escrever poesia, jantar fora e ir ao cinema.

Próximos volumes da trilogia FOREVER:





Capítulo 1 ∞

Eu estava parada diante da porta do quarto, vendo Kyle guardar suas coisas.

— Só preciso de um pouco de espaço — disse ele, atirando as roupas de qualquer jeito numa sacola Nike.

— Isso tem alguma coisa a ver com aquela putinha que você conheceu ontem no Zoe's?

— Elle, por favor, eu já te disse que não aconteceu nada.

— Você me diz muitas coisas, Kyle. — Revirei os olhos.

Ele atirou as últimas roupas na sacola e se virou para mim.

— Nós dois sabíamos que a nossa situação estava tomando esse rumo. Ela tem andado complicada há um bom tempo, e você sabe por quê.

— Complicada para você, porque resolveu procurar uma coisa que não existe.

Ele soltou um longo suspiro.

— Desculpe, Elle. Não estou mais aguentando.

Segui seus passos até o pequeno cômodo que chamávamos de sala, e ele soltou a sacola no chão. Tirou algumas notas do bolso da calça jeans e as pôs na mesa.

— Isso é para o aluguel dos próximos dois meses. — Deu um beijo na minha testa e se dirigiu à porta.

Cruzei os braços, encarando-o.

— Não quero seu dinheiro, quero que você fique. Por favor, Kyle, não me abandone.

Eu agora tinha me tornado a mulher mais melodramática do mundo, implorando ao idiota do meu namorado para que ficasse, não por achar que estava apaixonada por ele, mas por medo de ficar sozinha, sendo a solidão algo que eu conhecia tão bem.

Ele pegou a sacola e a pendurou no ombro.

— Se cuida, Elle. — E, sem dizer mais nada, foi embora. Fiquei parada no meio da sala, olhando para a porta, as lágrimas fugindo dos olhos.

Kyle e eu estávamos juntos desde nosso segundo ano na Universidade de Michigan. Tínhamos nos conhecido numa festa da fraternidade Delta Sigma Phi, a que ele pertencia. Kyle era um cara bonito, de porte médio, com um metro e oitenta de altura. Não chegava a ser lindo, mas era charmoso. Sempre estava com os cabelos pretos muito bem penteados, e seus olhos castanho-escuros me lembravam uma das coisas que mais amo no mundo — chocolate. Kyle era aquele cuja presença dava vida aos lugares; seu encanto e carisma me inspiravam. Ele estudava Ciências Contábeis, e eu Artes. Pouco depois de nos formarmos, um primo dele lhe arranjou um emprego numa grande firma de contabilidade, onde ele ainda trabalhava. Foi assim que acabamos nos mudando de Michigan para Nova York. O emprego de Kyle era em tempo integral e ele ganhava muito bem, por isso pude arranjar um emprego de meio expediente numa gravadora e terminar de pintar os quadros que prometera à galeria de arte.

Alugamos um pequeno quarto e sala, onde passamos todo o ano anterior, e estávamos felizes ali — ou, pelo menos, era o que eu pensava. Ainda com os olhos úmidos, fui me enroscar no sofá, onde chorei até pegar no sono.

Estava dormindo havia pouco tempo, quando uma batida à porta me acordou. Sentei, olhando em volta, os olhos inchados e vermelhos.



— Elle, você está aí? — Uma voz familiar acompanhou as batidas. Levantei do sofá e fui correndo abrir a porta. Peyton parecia sempre adivinhar quando eu mais precisava dela. Levantando as mãos, exclamou:

— Até que enfim, Elle! Pensei que ia ter que arrombar a porta. — Ela me deu um abraço apertado. Fiz um gesto para que entrasse e ela me seguiu, colocando sua enorme bolsa marrom na mesa.

— Trouxe um remédio que é tiro e queda para cachorrada de namorado. — Sorriu, retirando várias caixas de comida chinesa da bolsa e colocando-as na mesa. — Temos Mongolian beef, enroladinhos de alface, arroz frito com frango, sopa de wonton e, de sobremesa, sorvete de chocolate.

Seu sorriso de orelha a orelha logo se desfez quando ela me viu abaixar a cabeça e voltar a me enroscar no sofá. Peyton suspirou, vindo sentar ao meu lado.

— Kyle me mandou uma mensagem dizendo que foi embora. Queria que eu viesse dar uma olhada em você para ver se está bem.

Levantei a cabeça dos braços. Quem ele pensava que era, para mandar minha melhor amiga vir ver se eu estava bem?, pensei, furiosa.

— Ele disse que foi embora por causa de diferenças irreconciliáveis.

— Até parece que somos casados — resmunguei.

Peyton sorriu, compreensiva, e foi até a cozinha pegar pratos e talheres para o nosso jantar. Eu não conseguia parar de pensar que Kyle tinha ido embora. Nunca nos separávamos por mais do que alguns dias, e agora tínhamos nos separado para sempre. Eu estava sozinha novamente. Sabia por que ele decidira ir embora, e essa era a razão por que estava com tanta raiva. Eu lhe dera mil oportunidades de me dizer a verdade, mas ele não conseguira nem me olhar nos olhos e fazer isso. Era um covarde, e não havia espaço na minha vida para covardes. Embora estivesse me sentindo muito nauseada, levantei e fui até a mesa, enquanto Peyton servia meu prato.

— Olha só, amiga. Kyle é um babaca, e é uma pena que você tenha jogado fora quatro anos da sua vida com ele, mas você precisa se concentrar em alguma outra coisa. Precisa terminar seus quadros e exibí-los na galeria, para que as pessoas possam descobrir quem Ellery Lane realmente é — disse, gesticulando com o garfo. Esbocei um sorriso, sabendo que ela tinha razão; se havia algo que me permitia fugir da tristeza e da solidão,

era a pintura. Ela passou o braço pelo meu ombro e me deu uma apertadinha. — Não se preocupe, vou te dar a maior força.

Eu conhecera Peyton na galeria de arte, no dia em que entrara para saber do dono se exporia meus quadros. No instante em que ela perguntou se podia me ajudar, simpatizamos uma com a outra, e logo nos tornamos grandes amigas. Peyton tem uma personalidade exuberante, muito maior do que a sua figurinha mignon e magérrima, com um metro e sessenta e cinco. Estava sempre linda, com seus cabelos castanhos compridos e a maquiagem perfeita realçando os olhos azuis. Acho que nunca a vira usando um training. Ela gostava de estar sempre elegante, e só usava saias combinando com blusas bonitas. O que não faltava era homem ao redor de Peyton. Estavam sempre paquerando minha amiga, mas ela ainda não encontrara o cara certo para se apaixonar.

Não estava com apetite, mas sabia que tinha que fazer a vontade de Peyton, ou ela não me deixaria em paz.

— Quer que eu passe a noite aqui?

— Não, prefiro ficar sozinha — respondi, pondo o garfo no prato. — Acho que vou tomar um banho.

Levantei da mesa e fui para o banheiro. Abri a torneira e despejei uma medida de mousse de banho na banheira. Enrolei e prendi os cabelos louros no alto da cabeça para não molhá-los. Entrei na banheira cheia de espuma e deslizei até encostar a cabeça no travesseiro de plástico. Fiquei lá, olhos fechados, tentando bolar algum plano, mas estava muito infeliz, e precisava de tempo para curtir a dor de cotovelo antes de levar em frente minha vida de mulher solteira.

Quando saí da banheira, Peyton já tinha limpado tudo. Deixara uma mensagem de texto dizendo: *Elle, descansa bastante e me liga se precisar de alguma coisa. Te ligo amanhã. Te adoro.*

Sorri. Peyton era a única família que eu tinha. Minha mãe falecera de câncer quando eu tinha seis anos, e meu pai morrera pouco antes de eu fazer dezoito. Tinha um casal de tios em Michigan, mas não os via nem falava com eles desde a morte de meu pai. Sempre considerara os pais de Kyle como parentes, mas, agora que tínhamos terminado, seria um tanto constrangedor falar com eles.

Depois de trancar a porta, apaguei a luz e me aconcheguei na cama, escondendo a cabeça sob as cobertas para fugir da realidade de minha vida — pelo menos por essa noite.



Capítulo 2 ∞

Nos dias seguintes, não fiz nada além de ficar de pijama e me concentrar em terminar meus quadros. Liguei para o trabalho e disse que estava gripada. Eles me autorizaram a tirar o resto da semana de folga, o que achei ótimo. Tive medo de fazer um rombo no meu orçamento, mas precisava terminar os quadros e levá-los para a galeria. De todo modo, eu não teria sido uma boa companhia para ninguém.

Preparei a terceira jarra de café do dia e dei uma olhada no telefone para ver se havia alguma mensagem. Kyle não tentara entrar em contato comigo desde que fora embora. Como alguém pode esquecer totalmente uma pessoa com quem passou quatro anos? Essa constatação bastou para fazer meu sangue ferver. Do meu ponto de vista, eu tinha duas escolhas: podia me trancar entre essas quatro paredes e deixar que minha vida acabasse, ou podia enterrar o passado, ir à luta e sobreviver. Optei pela segunda possibilidade. Ainda não estava pronta para morrer; havia muitas coisas que queria realizar.

Fiz uma faxina geral no apartamento, que estava imundo, morta de vergonha por tê-lo deixado chegar àquele ponto. Peguei um saco de lixo e fui enfiando tudo que me lembrava de Kyle. Estava determinada a dar sumiço em qualquer vestígio dele. Quando terminei, o lugar estava quase vazio. As prateleiras da estante, que antes abrigavam fotos minhas com Kyle, agora estavam desertas, lembrando o vazio que eu sentia no coração.

Por fim, fui tomar um banho. Esfregando o vapor que se formara no espelho, olhei para mim mesma pela primeira vez em dias. Meus olhos azul-claros — que Kyle dizia que eram da cor do mar — estavam exaustos, empapuçados. Escovei os cabelos louros e longos e passei mousse nas mechas para ondulá-los um pouco. Fiz uma maquiagem leve para tentar esconder os sinais da depressão e do fato de ter passado uma semana trancada em casa. Vesti meu jeans favorito e fiquei surpresa de ver que, pela primeira vez, estava largo em várias partes. Meu corpo de um metro e setenta e oito e manequim 38 parecia ter encolhido ainda mais desde que Kyle fora embora. Procurei minha blusa rosa favorita no armário. Quando terminei de me vestir, respirei fundo e chamei um radiotáxi. Estava na hora de enfrentar o mundo e recomeçar minha vida.

Manny estava parando seu táxi amarelo no meio-fio quando saí do prédio. Vendo minha dificuldade para carregar os três quadros, ele desceu para me ajudar.

— Oi, Elle. Deixa eu te dar uma mão.

— Oi, Manny. Obrigada. — Sorri para ele.

Manny era meu motorista favorito. Eu o conhecera quando me mudara para Nova York. Toda vez que chamava um radiotáxi, sempre pedia Manny; às vezes ele estava livre, às vezes não. Era um cara forte, musculoso, de um metro e noventa de altura, sempre com os cabelos pretos presos num rabo de cavalo. Seus olhos castanhos brilhavam quando eu lhe perguntava sobre os filhos. Era do tipo que ama a família, uma das melhores pessoas que eu já conhecera na vida. Fora no seu táxi que Kyle e eu saímos do aeroporto ao chegarmos a Nova York. Sentei na frente com ele, para poder acomodar os quadros no banco traseiro.

— Como vai o Kyle?

— Ele foi embora há uma semana, Manny. — Suspirei.

Ele fez uma expressão triste.



— Que pena, Elle. Você está bem?

Olhei para ele, esboçando um sorriso.

— Agora, sim. Estava péssima na semana passada, mas agora estou me adaptando. — Será que estava mesmo? Ou era apenas uma boa atriz?

Ele me levou à galeria e me ajudou a tirar os quadros do carro. Paguei a corrida e lhe agradei pela ajuda.

— Se precisar de qualquer coisa, me liga, Elle, falando sério — disse, apontando para mim. Em seguida, entrou no táxi e foi embora.

Peyton me viu pela vitrine e saiu para me ajudar a carregar os quadros. Ligou para o dono, Sal, avisando que eu tinha chegado. Ele desceu do escritório e me cumprimentou com dois beijinhos.

— Ah, vamos ver o que você tem aqui, Ellery — disse, pegando os quadros um por um e encostando-os à parede.

Eu assinara um contrato me comprometendo a deixar três quadros em consignação na galeria. Um deles era romântico, um casal dançando ao luar, entre nuvens. O segundo mostrava um jardim com um chafariz cercado de lindas flores. O último era uma menina vestida de branco sentada em um campo florido, com três anjos olhando do céu para ela. Todos os quadros diziam algo sobre mim.

— Uau, Elle, são lindos! Tenho certeza de que vou vendê-los com a maior facilidade — disse Sal, sorrindo.

Fiquei um pouco encabulada, pois era a primeira vez que iria exibir meu trabalho para o mundo. Ele me levou até uma pequena parede vazia.

— É aqui que seus quadros vão ficar expostos. Eu te ligo assim que vender um deles, ou todos.

Agradei e, quando ele se afastou, Peyton começou a dar pulinhos, batendo palmas.

— Vamos sair para comemorar hoje à noite! — exclamou.

Sair era a última coisa que eu queria. Não me sentia pronta para fazer esse tipo de programa de solteira, mas Peyton era persistente, e eu estava sem forças para resistir. Por isso, mesmo sem vontade, concordei.


Saí da galeria e fui andando pela rua. Revirei a bolsa, procurando o celular que tocava. Quando o encontrei, olhei para o número familiar que andava aparecendo demais na minha tela nos últimos tempos.

Recusei a chamada e resolvi voltar a pé para casa. Pouco depois, o alerta de mensagens iluminou a tela. Quando cheguei em casa, estava exausta. Atirei as chaves e a bolsa na mesa ao lado da porta e ouvi o recado chato que a tela ainda anunciava.

— Oi, Ellery, aqui é o Dr. Taub. Soube que você desmarcou as duas últimas consultas depois que nos vimos da última vez. Quero saber se ainda é minha paciente. Precisamos muito conversar sobre isso. Tenho certeza de que posso ajudá-la, Ellery. Por favor, ligue para o meu consultório para marcar uma consulta o quanto antes.

Revirei os olhos, balançando a cabeça, e apaguei o recado.

Fui para o quarto e decidi me deitar um pouco, pois a caminhada por seis quarteirões me cansara. Não devia estar dormindo por mais de uma hora, quando acordei com o celular tocando.



Capítulo 3 ∞

-O *i – atendi, sonolenta.*

— Estava dormindo? — perguntou Peyton um pouco alto demais.

— Só tirando um cochilo. — Bocejei.

— Acorda, mulher! Estou indo aí, para a gente ir a uma boate.

Soltei um suspiro cansado.

— Boate? Você disse que nós íamos comemorar. Achei que estava pensando em jantar fora, não em cair na balada. — Não estava a fim de ir a uma boate barulhenta e lotada de gente aquela noite.

— Elle, acorda! Você tem andado deprimida desde que aquele idiota do Kyle foi embora. Retome sua vida, divirta-se como costumava fazer! Você é a pessoa mais divertida que conheço.

— Sei lá, Peyton. Não estou a fim de ir a uma boate hoje.

— Vai ficar quando chegar lá, e quem sabe, conhecer o seu príncipe encantado.

Ela falara em príncipe encantado? Eu não queria um príncipe encantado. Não queria saber de homens, e ponto final. Mas era importante para Peyton que comemorássemos, por isso concordei.

— Tá, Peyton, eu vou, mas não quero voltar tarde, estou cansada.

— Maravilha! — gritou ela. — Ah, meu amigo Caleb vai pegar a gente aí na sua casa. Tchau!

— Espera aí, quem é... — *Clic*. Ri baixinho e fui tomar um banho. A exuberância de Peyton atraía mil personalidades diferentes. Acho que fora por isso que nos entrosáramos tão depressa.

Assim que saí do chuveiro, Peyton entrou na sala, atirando para mim uma sacola da Forever 21.

— O que é isso? — perguntei, dando uma espiada na sacola.

Ela me olhou, sorrindo, enquanto ia até o banheiro.

— É só uma coisinha que comprei para dar um *tchan* no seu visual.

Peyton era extremamente generosa. Sempre trocávamos presentes que achávamos que nos agradariam. Abri a sacola e tirei o suéter de tricô prateado mais espetacular do mundo.

— Peyton, adorei! — Sorri.

— Sabia que você ia gostar. Achei que ficaria legal com a legging preta e as botas pretas — murmurou ela, escovando os cabelos.

Fui até o quarto e vesti o suéter. Era comprido o bastante para cobrir meu traseiro, o que fazia dele o complemento perfeito para uma legging. Fui até o banheiro, onde Peyton finalizava o look. Ela olhou para mim pelo espelho e assobiou.

— Nossa, que gata! Todos os caras na boate vão querer passar a mão nessa bunda gostosa. — Sorriu, dando uma palmada em mim.

Revirei os olhos. Peyton era uma dessas pessoas que não têm a menor censura, sempre dizendo tudo que lhe passava pela cabeça, sem pensar duas vezes: a boca cuspiu antes que o cérebro pensasse.

Sorri, abraçando-a.

— Obrigada, é lindo.

— Ah, é tão bom te ver sorrindo de novo, Elle. — Ela terminou de escovar os cabelos.

Perguntei a Peyton sobre Caleb, e ela respondeu que era um amigo de um amigo com quem tinha saído algumas vezes. Achei isso estranho, porque era a primeira vez que ouvia seu nome. Ela contou que começara a vê-lo assim que Kyle me deixara. Não achou que pegaria bem falar da sua vida amorosa tão cedo. Para ser honesta, fiquei comovida com seu cuidado de não tocar no assunto, mas ao mesmo tempo chateada por não ter feito isso.



Olhei para meu reflexo no espelho uma última vez antes de sair. Decidi fazer alguns cachos leves no cabelo que já tinha penteado, e tirei um pouco da sombra que Peyton passara nas minhas pálpebras. Estava começando a me sentir feliz por decidir sair; precisava me divertir um pouco.

Caleb chegou e assobiou para nós duas quando Peyton abriu. Deu um beijo no seu rosto e se aproximou de mim, estendendo a mão.

— Sou Caleb. Prazer em conhecê-la.

Apertei sua mão e respondi que o prazer era todo meu. Seu aperto de mão era firme e, pelo que pude perceber, seu corpo também. Ele usava os cabelos castanhos despenteados, mas de um jeito charmoso, e seus olhos pretos eram penetrantes. Dava para ver por que Peyton se sentia atraída por ele. Entramos no táxi que nos esperava. Peyton estava com o braço em volta do pescoço de Caleb, os dois roçando os narizes. De repente, eu me senti como se estivesse sobrando.

— E aí, a que boate nós vamos? — perguntei.

Os olhos de Caleb passaram de Peyton para mim.

— Pensei em irmos ao Club S.

Franzi a testa, me perguntando se conhecia essa boate, e então lembrei: um amigo do restaurante dos sem-teto, Frankie, trabalhava como segurança lá. Soltei uma exclamação, chocada.

— Mas não é tipo um clube de swing?

Peyton olhou para mim, sorrindo.

— Elle, é uma boate normal, só que por acaso algumas pessoas vão lá a fim de encontrar parceiros para transar — disse com naturalidade, como se não fosse nada de mais. Revirei os olhos, suspirando.

— Me corrija se eu estiver errada, mas o S não é de “Sexo”, como se o nome fosse Club Sexo? — Peyton e Caleb sorriram para mim. — Ótimo, agora vou ter que passar a noite inteira na defensiva.

— Vive um pouco, Elle. — Peyton riu.

Cruzei os braços, olhando pela janela, e eles começaram a se beijar. Pois eu é que não iria “viver um pouco” tendo uma noitada com um estranho qualquer; isso não fazia o meu gênero. Só tinha transado com um único homem na vida, e fora Kyle.